

Um recorde no interior da terra

A gruta fica no Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. É vertical e a mais funda do país



Texto CARLA CASTELO
Fotos RUI MERGULHO e SIC

À superfície, a vegetação rasteira do maciço calcário estremenho preenche de verde o chão rochoso. O sol queima. Mas Tatá Regala, espeleólogo amador, veste uma camisola quente por baixo do fato de macaco.

No interior do algar, a gruta vertical na área do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros que irá descer com outros dois elementos da Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente (AESDA), a temperatura ronda os 15 graus. Cá fora o termómetro marca o dobro.

Rui Luís e Bruno Oliveira também se preparam para a expedição — que pode durar mais de 10 horas e pretende bater o recorde de profundidade numa cavidade natural portuguesa. Calçam botas de borracha e protegem as cabeças com capacetes com iluminação frontal, para poderem ver no escuro. “É preciso equipamento especial, treino, conhecimento das técnicas necessárias para executar esta atividade, em termos de progressão vertical, e conhecimento da equipa que vai”, resume Rui Luís.

A confiança entre os membros da equipa é fundamental. Neste caso, os três já praticam espeleologia juntos há mais de 15 anos. Cada um com a sua profissão, dedicam folgas e fins de semana a uma atividade que é um prazer e se transforma em trabalho, tantas as horas e a energia que lhe dedicam.

Fazem levantamentos topográficos, recolhem dados sobre a geologia e a biologia nas grutas e algares que exploram, divulgam as descobertas em artigos e congressos e realizam ações de sensibilização. Como explica Nuno Rodrigues, outro dos membros da AESDA, “não chega só vir cá e estar a olhar para as estalactites e estalagmites, por muito bonitas que elas sejam”.



A equipa de espeleólogos na altura em que iniciava a descida na Serra de Aire e Candeeiros (foto de cima); e imagens no interior do algar

Em dezembro, um associado da AESDA, integrado numa equipa de prospeção, descobriu esta cavidade natural inexplorada. O ‘descobridor’ Paulo Lopes pôde dar nome ao algar, que ficou ‘Palopes’. Tem regressado ao Planalto de Santo António, mas tem de ficar à superfície, por ser principiante na espeleologia.

“Nem eles me deixam nem eu me atrevo”, confessa Paulo Lopes. Mas o biólogo acredita que no próximo ano já terá conhecimentos suficientes para explorar o algar que descobriu. “Tem o meu nome, tenho de descer lá baixo, faço questão”.

Olhos de água do Alviela

As explorações preliminares do algar criaram uma imensa expectativa. Poderia tratar-se de uma das cavidades mais profundas até agora descobertas em Portugal. Hoje (14 de maio) vão tentar descer a mais de 190 metros de profundidade.

Rui Luís, Tatá Regala e Bruno Oliveira iniciam a descida. À superfície ficam Paulo Lopes e outros elementos da AESDA, que não escondem a ansiedade. A associação de Torres Vedras, fundada em 1992, está à beira de alcançar um marco na história da espeleologia nacional.

No interior do algar, Rui Luís prepara-se para iniciar a descida ao poço que ainda não tinham explorado. No silêncio da gruta, apenas se ouve o berbequim que permite colocar os apoios e o tilintar dos mosquetões. Cinco horas depois, quando sobe de volta ao patamar dos 190 metros, onde ficaram os dois companheiros, transborda de entusiasmo. “Desci mais três poços e está mais um assim: aberto”. Calcula que tenha descido a cerca de 250 metros de profundidade. Viu que o poço tem continuação e acredita que o algar pode ter no total uns 300 metros de profundidade e terminar num coletor horizontal com um curso de água. Outro dos elementos da AESDA,

PATRIMÓNIO ÚNICO

Até ao passado mês de maio, era o algar dos Alecrineiros Sul que detinha o recorde da cavidade natural mais profunda em Portugal. Em março de 2008, uma equipa de espeleólogos franceses da Société Spéléo Archéologique de Caussade (SSAC) atingira os 220 metros de profundidade naquela cavidade a sul do vértice geodésico de Alecrineiros, no planalto de Santo António, onde também se situa o algar ‘Palopes’ agora explorado pelos portugueses da AESDA. Todos os algares que figuram na lista dos mais profundos se situam no Maciço Calcário Estremenho, a cerca de 100 quilómetros de Lisboa. Rui Mergulho, da AESDA, não se cansa de dizer: “Ao contrário daquilo que se pensa, ainda há vastas áreas por explorar no nosso pequeno país”.

Rui Mergulho, mostra numa carta geológica o local exato do algar Palopes e explica a rota que eventualmente o coletor permitirá fazer. “Tendo em conta estudos prévios, crê-se que a água que se infiltra nesta zona vai sair nos olhos de água do Alviela, que se situa em linha reta a aproximadamente 10 a 12 km daqui.”

É com a descida até ao fundo do algar e com esse percurso até à nascente do rio Alviela que sonham agora os membros da AESDA. Já têm marcada uma nova expedição ao algar em meados de junho. Ainda não será desta que Paulo Lopes descerá à cavidade que descobriu, mas ouve com atenção cada pormenor do relato da descida, imaginando que um dia haverá de ser ele a fazê-la.

sociedade@expresso.imprensa.pt